



## A ESCRITA FEMININA NO JORNAL LETRAS SERGIPANAS DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS (1984-1989)

### FEMALE WRITING IN SERGIPAN NEWSPAPERS OF THE SERGIPAN LETRAS ACADEMY (1984-1989)

### ESCRITURA FEMENINA EN LOS PERIÓDICOS SERGIPAN DE LA ACADEMIA SERGIPAN LETRAS (1984-1989)

José Genivaldo Martires<sup>1</sup>  
Joaquim Tavares da Conceição<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo dedica-se a examinar a escrita feminina no jornal *Letras Sergipanas* da Academia Sergipana de Letras (1984 a 1989), evidenciando as temáticas e o protagonismo de professoras imortais. Por meio de pesquisa documental foram identificadas 28 edições do jornal *Letras Sergipanas* na hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e no Arquivo Público de Sergipe. A participação de mulheres no sodalício ocorreu somente em 1978, com a posse da professora Núbia Marques. No século XX foram eleitas imortais as professoras Essas professoras, exceto Giselda Moraes, publicaram no jornal *Letras Sergipanas*. Foram 53 publicações femininas no período estudado, abordando diferentes temáticas, sendo as mais recorrentes: literatura sergipana, biografias e poesias. Neste sentido, a estratégia de divulgação de trabalhos dessas professoras no periódico contribuiu para a visibilidade de suas produções literárias e a ampliação do capital cultural.

**Palavras-chave:** Academia Sergipana de Letras. História da Educação. Intelectuais. Jornal Letras Sergipanas. Professoras.

**Abstract:** This article is dedicated to examine female writing in the newspaper *Sergipanas* of the Sergipana Academy of Letters, (1984 to 1989), highlighting the themes and the role of immortal teachers. Through documentary research, 28 editions of the newspaper *Letras Sergipanas* were identified in the library of the Sergipe Historical and Geographic Institute and in the Sergipe Public Archive. The participation of women in sodalitiun occurred only in 1978, with the inauguration of Professor Núbia Marques. These teachers, except Giselda Moraes, published in the newspaper *Letras Sergipanas*. There were 53 female publications in the period studied, addressing different themes,

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, Brasil.



the most recurring: sergipan literature, biographies and poetry. In this sense, the strategy of disseminating works of these teachers in the journal contributed to the visibility of their literary productions and the expansion of cultural capital.

**Keywords:** Sergipana Academy of Letters. History of Education. Intellectuals. Sergipanas Letters Journal. Teachers.

**Resumen:** Este artículo está dedicado a examinar la escritura femenina en el periódico *Sergipanas* de la Academia de Letras de Sergipana (1984 – 1989), destacando los temas y el papel de los maestros inmortales. A través de la investigación documental, se identificaron 28 ediciones del periódico *Letras Sergipanas* en la biblioteca del Instituto Histórico y Geográfico de Sergipe y en el Archivo Público de Sergipe. La participación de las mujeres en el sodalium se produjo solo en 1978, con la inauguración de la profesora Núbia Marques. Estas maestras, excepto Giselda Morais, publicaron en el periódico *Letras Sergipanas*. Hubo 53 publicaciones femeninas en el período estudiado, abordando diferentes temas, los más recurrentes: literatura sergipana, biografías y poesía. En este sentido, la estrategia de difusión de las obras de estos docentes en la revista contribuyó a la visibilidad de sus producciones literarias y a la expansión del capital cultural.

**Palabras clave:** Academia de Letras Sergipana. Historia de la educación. Intelectuales. Periódico *Letras Sergipanas*. Maestras.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo identifica e analisa como mulheres, principalmente as professoras/imortais da Academia Sergipana de Letras, utilizaram o jornal *Letras Sergipanas* para divulgar suas produções literárias e ampliar a visibilidade perante os seus pares. O marco temporal corresponde aos anos da primeira e da última edição do periódico, identificadas e utilizadas neste estudo. Por meio de pesquisa documental foram encontradas 28 edições do *Letras Sergipanas* na hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e no Arquivo Público do Estado de Sergipe (Apes).

A Academia Sergipana de Letras (ASL) foi criada em 1929, como resultado de atividades literárias desenvolvidas na agremiação A Hora Literária General Calazans, que teve a sua origem em 1919. Segundo Martires (2016), essa agremiação tratava-se de uma instituição de caráter recreativo e literário, onde os poetas, escritores(as) e professores(as) pudessem debater temas, recitar poesias e difundir a cultura letrada em Aracaju. A sede da agremiação funcionava na residência do Coronel José da Silva Ribeiro<sup>3</sup>, situada na colina do bairro Santo Antônio, em Aracaju/SE. Em 1927, os associados da Hora Literária aprovaram a modificação estatutária, transformando-a numa

---

<sup>3</sup> **José da Silva Ribeiro** nasceu em Simão Dias, mudou-se para Aracaju, onde desenvolveu atividades comerciais. Foi condecorado de Patrono da Hora Literária e da Academia Sergipana de Letras, em razão da sua prática de mecenato com a produção literária do estado. Faleceu em 1949. Ver Ribeiro (2005).



Academia. Em 01 de junho de 1929, é instalada solenemente a ASL, com aprovação do seu estatuto e regimento interno.

A organização da ASL seguiu o modelo da Academia Brasileira de Letras, ou seja, 40 cadeiras com os seus respectivos patronos e fundadores, além da previsão de sócios correspondentes. No tocante à participação feminina, seguiu-se também o mesmo estilo da ABL, o ingresso de mulheres no sodalício foi negado. Interessante observar que este impedimento das mulheres como imortais não encontrava razão na agremiação gênese da ASL, pois de acordo com Pina (2004, p. 182): “Da Hora Literária participaram Etelvina Amália de Siqueira<sup>4</sup>, Leonor Telles de Menezes<sup>5</sup> e Cesartina Régis<sup>6</sup>”. Assim, no momento da institucionalização da academia, mesmo com a participação de mulheres nos debates para a sua instalação e nas conversas literárias, saraus, reuniões da Hora Literária, elas acabaram sendo impedidas de participarem do sodalício.

A admissão de mulheres na Academia Brasileira de Letras somente se efetivou em 1977, com a posse da escritora Rachel de Queiroz. Como reflexo desta mudança, em Sergipe, no ano de 1978, a professora Núbia Marques (1927-1999) foi a primeira mulher a ser empossada na ASL. Porém, a sua luta para adentrar ao sodalício foi anterior a esta data, ela participou de dois processos eleitorais em 1976 que não lograram êxito, em razão da interpretação dos acadêmicos que mulheres não podiam pertencer a esta agremiação. Núbia Marques pertenceu a uma geração<sup>7</sup> de mulheres que lutaram para a superação de impedimentos da participação das mulheres em diferentes espaços da sociedade sergipana.

De acordo com Melnikoff (2014), Núbia estudou no Atheneu Sergipense (concluiu o ginasial em 1943), em seguida estudou contabilidade na Escola de Comércio Conselheiro Orlando (em 1948). No final da década de 1940, fez curso na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro. Na sua trajetória acadêmica, Núbia, ao retornar a Aracaju (1952), fez parte da primeira turma do recém-implantado curso de Serviço Social (1954), graduou-se em 1957. As primeiras atividades foram no exercício da

---

<sup>4</sup> **Etelvina Amália Siqueira** nasceu na cidade de Itabaiana/SE, em 05 de novembro de 1862, filha de José Jorge de Siqueira e Rosa Maria de Siqueira. Mudou-se para Aracaju, concluiu o curso normal em 1882, exerceu o magistério em colégios da capital e do interior, participou ativamente na campanha abolicionista. Faleceu em 1935. Sobre Etelvina Amália de Siqueira ler: Figueirôa (1994) e Pina (1994).

<sup>5</sup> **Leonor Telles de Menezes** é natural de Aracaju, do ano de 1890. Estudou e foi professora da Escola Normal. Notabilizou pelo seu vasto conhecimento na língua portuguesa. Escreveu vários discursos e poemas. Morreu em 1976. Ver Pina (1994).

<sup>6</sup> **Cesartina Regis** nasceu em Laranjeiras/SE, em 1890. Fez o curso primário na sua cidade natal e o secundário na Escola Normal, em Aracaju/SE. Estudou o curso superior no Rio de Janeiro, onde se formou em farmácia. Em Aracaju, exerceu a sua profissão, foi professora no Instituto Coelho e Campos, participou de diversas instituições culturais e das lutas femininas na primeira metade do século XX. Faleceu em 1980. Ver Pina (1994).

<sup>7</sup> Conceito de geração de acordo com Mannheim, ou seja, elas participavam de situações similares, comungavam pensamentos parecidos, tiveram uma trajetória de formação para o magistério muito similar. Ver Mannheim (1982).



profissão de assistente social. No tocante ao magistério, iniciou a sua carreira no Instituto Educacional Rui Barbosa (Ierb), conhecido popularmente como a Escola Normal, e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), ambos no final da década de 1960. No início da década de 1970, realizou o curso de mestrado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), onde defendeu a dissertação intitulada *Contribuição ao estudo exploratório sobre possíveis correlações da cultura espontânea com o lazer e desenvolvimento comunitário a partir da observação de alguns folgedos no Estado de Sergipe – Brasil*, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Carvalho da Silva. Na Universidade Federal de Sergipe desempenhou funções de docência e pesquisadora da cultura popular.

Além da pioneira Núbia Marques, outras mulheres se tornaram imortais da ASL no período de 1978 a 2017, como evidenciado no quadro em sequência:

**Quadro 1** – Relação das mulheres acadêmicas na Academia Sergipana de Letras.

| Nº | ACADÊMICAS                                | Ano da posse |
|----|---|--------------|
| 1  | Núbia Nascimento Marques                  | 1978         |
| 2  | Ofenísia Soares Freire                    | 1980         |
| 3  | Maria Thétis Nunes                        | 1983         |
| 4  | Carmelita Pinto Fontes                    | 1984         |
| 5  | Gizelda Santana de Moraes                 | 1992         |
| 6  | Maria Lígia Madureira Pina                | 1998         |
| 7  | Aglaé D'Ávila Fontes                      | 2004         |
| 8  | Marlene Alves Calumby                     | 2004         |
| 9  | Clara Leite de Rezende                    | 2004         |
| 10 | Luzia Maria da Costa Nascimento           | 2007         |
| 11 | Ana Maria do Nascimento F. Medina         | 2008         |
| 12 | Patrícia Verônica S. de Souza             | 2012         |
| 13 | Jane Alves Nascimento Moreira de Oliveira | 2017         |

Fonte: Nascimento (2017).

Da relação apresentada no quadro anterior, exceto Clara Leite Rezende, as demais acadêmicas estão inseridas no campo<sup>8</sup> do magistério, pois no decorrer das suas trajetórias já exerceram ou exercem a docência, constituindo o grupo majoritário entre as mulheres que adentraram na ASL. Essas mulheres são compreendidas como intelectuais, considerando este conceito segundo a teoria de Sirinelli (2003, p. 242), que assinala duas categorias: “[...] uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada no

<sup>8</sup> O conceito de Campo utilizado neste artigo é compreendido como local de disputa, insere-se nas concepções de Pierre Bourdieu que o define como: “[...] lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é possível e impossível a cada momento” (BOURDIEU, 2004, p. 27).



engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto jornalista como escritor, o professor secundário como o erudito”. Neste caso, as professoras acadêmicas são compreendidas como intelectuais criadoras e/ou mediadoras culturais em razão de suas atividades e da inserção na ASL, “instituição guardiã e difusora de uma produção literária em Sergipe”.

Um dos requisitos para ser eleita imortal é a produção literária e/ou científica da postulante à vaga pretendida. Nota-se que essas mulheres detinham um capital cultural<sup>9</sup> relacionado com as artes, literatura e conhecimento científico. Uma vez eleitas e empossadas continuaram e/ou continuam diversificando esse capital. A própria ASL favoreceu que as professoras intelectuais ampliassem o seu capital cultural. Neste sentido, desde a sua criação, em 1929, a ASL criou uma revista como veículo de divulgação das produções dos seus confrades, denominada de *Revista da Academia de Letras*, a segunda mais antiga do estado de Sergipe, depois da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*.

Outro instrumento utilizado pela ASL para dar visibilidade à produção literária dos imortais foi a criação do jornal *Letras Sergipanas*, em 1984. Esta ação foi fruto da administração do presidente do sodalício Antônio Garcia Filho<sup>10</sup> (1984-1999), que ocupou a cadeira de nº 1, em 1961, cujo patrono é o jurista Tobias Barreto. Durante a sua gestão, além do jornal, criou também o Movimento de Apoio à Academia Sergipana de Letras (MAC), com o propósito de aproximação entre a Academia e novos escritores, apoiando as atividades literárias e culturais da ASL. Após a sua morte, em 1999, foi acrescentado ao MAC o nome do seu criador. Desse movimento, vários intelectuais pleitearam vagas na ASL e obtiveram êxitos, tais como: Domingos Pascoal de Melo, José Lima de Santana, Lúcio Antônio Prado Dias, Luzia Maria da Costa Nascimento, Marcelo da Silva Ribeiro, Maria Lígia Madureira Pina, Marcos Almeida Santos, Marlene Alves Calumby, Jane Alves Nascimento Moreira de Oliveira, Claudefranklin Monteiro Santos, Acelino Pedro Guimarães e Bemvindo Salles de Campos Neto.

---

<sup>9</sup> O conceito de Capital Cultural está em consonância com Bourdieu (2002), que demonstra a sua existência em três formas: “no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais [...] e no estado institucionalizado, forma de objetivação [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 74, grifo do autor).

<sup>10</sup> **Antônio Garcia Filho** é natural de Rosário do Catete/SE. Nasceu em 29 de maio de 1916. Realizou os seus estudos secundários na cidade de Aracaju/SE, no Colégio Atheneu Sergipense. Fez a Faculdade de Medicina em Salvador/BA, graduando-se em 1941. Foi professor fundador da Faculdade de Medicina de Sergipe (1961. Ingressou na ASL em 1961, ocupando a cadeira de nº 01. Faleceu em 22 de junho de 1999, na cidade de Aracaju/SE. Ver Nascimento (2017) e Silva (2012).



## 2 O JORNAL *LETRAS SERGIPANAS* E A ESCRITA FEMININA

Os exemplares de edições do jornal *Letras Sergipanas* foram localizados nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e no Arquivo Público do Estado de Sergipe (Apes)<sup>11</sup>. A pesquisa documental identificou 28 números do periódico, publicados entre os anos de 1984 e 1989. Ressalte-se que, embora a publicação tenha estado sob os auspícios da ASL, nenhum exemplar do periódico foi encontrado no acervo da Academia. A figura em seguida apresenta aspecto da primeira página do periódico em exame.

Figura – Aspecto do jornal *Letras Sergipanas* em 1984.

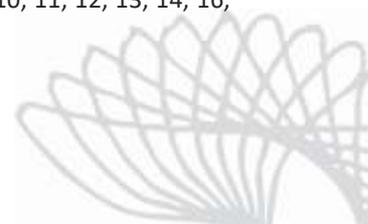


Fonte: Jornal *Letras Sergipanas* junho de 1984.  
Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Como adverte Chartier (1998), os dispositivos presentes em um impresso revelam estratégias textuais e intenções do autor e/ou do editor:

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor (CHARTIER, 1998, p. 17).

<sup>11</sup> No **IHGSE** foram localizados os seguintes números do Jornal *Letras Sergipanas*: 01, 02, 03, 08, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 13, 27, 28, 29, 30 e 31. E no **Apes** as edições: 05, 06, 07, 08, 18, 19, 24 e 25.



Levando em conta esses aspectos apontados por Chartier (1998), buscou-se examinar a materialidade do periódico em análise. O periódico era impresso em papel jornal, no tamanho conhecido como *Berliner* ou *midi* (47 cm x 31,5 cm), contendo de quatro a seis páginas por edição e com ilustrações em preto e branco. Não foram identificados anúncios e propagandas, exceto em duas citações ao Banco do Estado de Sergipe e ao Yate Club de Aracaju como instituições apoiadoras de atividades culturais da Academia Sergipana de Letras. Igualmente, não foi possível identificar informações a respeito da tiragem e nem da gráfica responsável pela impressão.

Quanto ao corpo editorial, o periódico contou com a participação dos imortais Antônio Garcia Filho, Ofenísia Soares Freire, Luiz Antônio Barreto, Emanuel Franco e Clodoaldo Alencar Filho (LETRAS SERGIPANAS, 1984). Observa-se nessa composição, a participação de professores(as) e jornalistas, habituados com a escrita jornalística em edições e/ou colunas na imprensa sergipana. Note-se também a presença entre os editores da professora Ofenísia Soares Freire, conceituada professora de Língua Portuguesa do Colégio Atheneu Sergipense (SOUZA, 2017a, 2017b).

O jornal Letras Sergipanas apresentava como divisões o editorial; notícias de atividades da Academia Sergipana de Letras; artigos dos membros da ASL e do MAC. Além destas partes principais, foram evidenciadas três colunas fixas denominadas Fragmentos, escrita por Antônio Garcia Filho, A terra e a gente na literatura sergipana, de Ofenísia Freire, e uma seção de poesias, com publicações de diversos imortais.

No editorial do número 1 do jornal é destacado o motivo da produção do impresso no formato de jornal. Segundo o editorial o jornal era um “[...] instrumento de comunicação mais rápido e mais penetrante, abrangendo um espectro de leitores bem mais amplo e diversificado que a revista” (LETRAS SERGIPANAS, 1984, p. 01). Portanto, o editorial ressalta o propósito de ampliar a divulgação das produções literárias dos imortais e das atividades da Academia, com o propósito de ampliar a visibilidade da agremiação e de seus membros na sociedade sergipana, sobretudo entre o público letrado e interessado na cultura sergipana. Sobre a periodicidade do jornal, no mesmo editorial, os autores informavam aos leitores que o periódico não previa “[...] períodos fixos para vir a lume. Surgirão os números de ‘Letras Sergipanas’ ao sabor das disponibilidades financeiras e da compreensão dos patrocinadores, além de se levar em conta o tempo disponível dos acadêmicos envolvidos” (LETRAS SERGIPANAS, 1984, p. 1). Mesmo não contando com uma previsão de periodicidade de circulação, a tiragem bimensal foi mantida ao longo do período de sua existência. Provavelmente, a circulação do jornal também se apresentou como uma espécie de paliativo por



conta dos longos períodos entre os números da Revista da Academia Sergipana de Letras, o principal periódico de divulgação da ASL.

Qual a importância de um jornal para o campo da intelectualidade? Para elucidar esta questão, Campos (2012) explica que:

Bem sabemos que os jornais são antes de tudo, ambientes de sociabilidade entre pares, espaços de visibilidade de determinados grupos e de silenciamento de outros; locais privilegiados para a constituição de distinções simbólicas e para a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias e sensibilidades. Mas eles são veículos peculiares, porque também se constituem como suportes de diferentes temporalidades e de falas que emanam tanto do tempo presente, do acontecimento ou da opinião imediata, da notícia dada em primeira mão – matéria-prima por excelência do jornalismo – quanto de um passado às vezes imemorial (CAMPOS, 2012, p. 64).

No que se refere aos acadêmicos da ASL, a iniciativa do jornal coaduna-se com os aspectos ressaltados na citação acima, ou seja, um veículo para difundir os propósitos da própria agremiação e socializar as produções literárias e científicas dos confrades e dos membros do MAC, fortalecendo a rede entre os pares, principalmente no tocante à participação das acadêmicas, contribuindo para a ampliação de espaços de escrita feminina num ambiente androcêntrico como a ASL.

Romper com os impedimentos e silenciamentos da escrita de mulheres foi um processo recorrente na história desde o século XIX, segundo Michelle Perrot (2005).

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, de desvalorização da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. Imagina-se, saber-se que as mulheres não deixaram de fazê-lo. Frequentemente, também, elas fizeram do seu silêncio uma arma (PERROT, 2005, p. 10).

Rompendo com barreiras que dificultavam a participação de mulheres nas atividades culturais e/ou literárias da sociedade sergipana, diferentes iniciativas resultaram no protagonismo de mulheres, sobretudo professoras, no campo literário sergipano, especialmente na segunda metade do século XX e início do XIX. Dentro dessa estratégia de visibilidade, a produção de textos femininos no jornal Letras Sergipanas serviu para marcar o espaço feminino na ASL e reforçar a



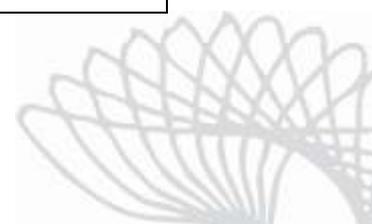
necessidade de ampliação do quadro de mulheres como membros da Academia, bem como romper com as barreiras do androcentrismo.

### 3 A MARCA DA ESCRITA FEMININA NO JORNAL *LETRAS SERGIPANAS*

A partir do mapeamento das edições do jornal localizadas no IHGSE e no Apes, produziu-se um panorama das mulheres acadêmicas que publicaram no *Letras Sergipanas*; as temáticas abordadas por elas; e uma relação comparativa com o quantitativo da produção dos homens no mesmo periódico. O quadro a seguir informa esses aspectos.

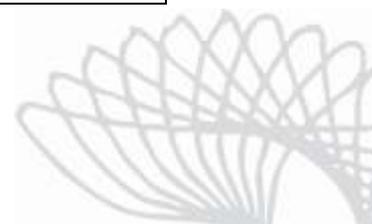
**Quadro 2** – Relação das publicações de mulheres no jornal *Letras Sergipanas* (1984 – 1989).

| Nº | Ano  | Número do Jornal | Meses     | Título da publicação                               | Autoria            |
|----|------|------------------|-----------|--|--------------------|
| 1  | 1984 | 01               | jun.      | Panorama da poesia em Sergipe                      | Núbia Marques      |
|    |      |                  |           | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
| 2  | 1984 | 02               | jul./ago. | Panorama da poesia em Sergipe                      | Núbia Marques      |
| 3  | 1984 | 03               | set/out.  | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
|    |      |                  |           | Florentino Teles de Menezes, o sociólogo esquecido | Maria Thétis Nunes |
| 4  | 1985 | 05               | jan/fev.  | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
| 5  | 1985 | 06               | mar/abr.  | Ciência e Arte                                     | Ofenísia Freire    |
|    |      |                  |           | Herma Fonte  | Lígia Pina         |
|    |      |                  |           | O “tenente” Zaqueu Brandão                         | Cléa Brandão       |
| 6  | 1985 | 07               | mai/jun   | Revolução na Linguagem                             | Carmelita Fontes   |
|    |      |                  |           | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
|    |      |                  |           | O passeio Sideral                                  | Lígia Pina         |
| 7  | 1985 | 08               | jul/ago   | Manoel Bomfim – Pioneiro de uma ideologia nacional | Maria Thétis Nunes |
|    |      |                  |           | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
|    |      |                  |           | Tipos folclóricos de Aracaju                       | Lígia Pina         |
| 8  | 1985 | 09               | set/out   | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |
|    |      |                  |           | Rosalvo Queiroz, um homem do seu tempo             | Cléa Brandão       |
|    |      |                  |           | O Sergipano José Calazans, p. 4                    | Maria Thétis Nunes |
| 9  | 1985 | 10               | nov/dez   | Canto ao vendedor de quebra-queixo                 | Lígia Pina         |
| 10 | 1986 | 11               | jan/fev   | A terra e a gente na literatura sergipana          | Ofenísia Freire    |



|    |      |    |          |   |                    |
|----|------|----|----------|---|--------------------|
|    |      |    |          | Discurso  | Maria Thétis Nunes |
| 11 | 1986 | 12 | mar/abr  | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
|    |      |    |          | Um empresário idealista,                                  | Lígia Pina         |
| 12 | 1986 | 13 | mai/jun  | O centenário de Florentino Teles de Menezes               | Maria Thétis Nunes |
|    |      |    |          | Eu sobrevivi – poesia                                     | Cléa Brandão       |
|    |      |    |          | Uma venerável mulher                                      | Lígia Pina         |
| 13 | 1986 | 14 | jul/ago  | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
| 14 | 1986 | 16 | nov/dez  | Fiat Lux, p 2 - poesias                                   | Conceição Ouro     |
|    |      |    |          | Avaliando p 3 - poesias                                   | Cléa Brandão       |
| 15 | 1987 | 17 | jan/fev  | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
| 16 | 1987 | 18 | mar/abr  | Um tipo inesquecível                                      | Cléa Brandão       |
|    |      |    |          | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
|    |      |    |          | Ouvindo Édipo em Edidauro                                 | Maria Thétis Nunes |
| 17 | 1987 | 19 | mai/jun  | Não apresenta publicação de autoria feminina              | ---                |
| 18 | 1987 | 20 | jul/ago  | Minha gente de Clodomir Silva,                            | Maria Thétis Nunes |
|    |      |    |          | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
| 19 | 1987 | 21 | set/out  | Uma sergipana sobre a Acrópole,                           | Maria Thétis Nunes |
|    |      |    |          | O método refluente de Deus                                | Cléa Brandão       |
|    |      |    |          | Infinito  | Conceição Ouro     |
| 20 | 1987 | 22 | nov/dez  | As vítimas da radioatividade                              | Lígia Pina         |
|    |      |    |          | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
|    |      |    |          | Martin Fierro na Literatura Argentina                     | Maria Thétis Nunes |
| 21 | 1988 | 23 | jan/fev  | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
| 22 | 1988 | 24 | mar/abr  | Á sombra das pirâmides                                    | Maria Thétis Nunes |
|    |      |    |          | A terra e a gente na literatura sergipana. HERMES FONTES  | Ofenísia Freire    |
| 23 | 1988 | 25 | mai/jun  | Não possui publicação feminina                            | ---                |
| 24 | 1988 | 27 | set/out  | A terra e a gente na literatura sergipana                 | Ofenísia Freire    |
| 25 | 1988 | 28 | nov/dez  | Natal de uma mãe  | Conceição Ouro     |
| 26 | 1989 | 29 | jan./fev | Sem solução   | Conceição Ouro     |
| 27 | 1989 | 30 | mar/abr  | A terra e a gente na literatura sergipana. TOBIAS BARRETO | Ofenísia Freire    |
|    |      |    |          | Redenção  | Conceição Ouro     |
|    |      |    |          | Fresta  | Lígia Pina         |
| 28 | 1989 | 31 | mai/jun  | Dever – poesias   | Conceição Ouro     |
|    |      |    |          | Um Gênio Multiforme,                                      | Lígia Pina         |
|    |      |    |          | Tobias Barreto, pioneiro na emancipação feminina          | Maria Thétis Nunes |

Fonte: Jornal Letras Sergipanas (1984 – 1989).



O primeiro aspecto que se evidencia no quadro anterior é a regularidade das publicações de mulheres. Das 28 edições localizadas nos arquivos, somente três não tiveram textos escritos por mulheres, sendo que durante esse período foram 53 publicações de diversos gêneros literários. No tocante à produção masculina, nessas edições somam-se 211 publicações de autoria dos imortais: Antônio Garcia Filho (53 publicações); Manoel Cabral Machado (30 publicações) e Emmanuel Franco (25 publicações). Portanto, a produção feminina representa um percentual de 20,3% de todas as publicações do periódico.

Em sua maioria, são publicações de professoras imortais da Academia, que utilizaram o periódico como espaço para divulgação e visibilidade de suas produções literárias, contribuindo para o protagonismo e enfraquecimento do monopólio dos homens. O quadro em sequência apresenta as mulheres que publicaram no periódico em estudo.

**Quadro 3** – Relação das mulheres que publicaram no jornal *Letras Sergipanas*.

| Nº | Intelectuais Femininas        | Quantitativo de publicações | Imortal da ASL | Membro do MAC |
|----|-------------------------------|-----------------------------|----------------|---------------|
| 01 | Ofenísia Franco Freire        | 18                          | X              |               |
| 02 | Maria Thétis Nunes            | 11                          | X              |               |
| 03 | Maria Lígia Madureira Pina    | 9                           |                | X             |
| 04 | Cléa Maria Brandão de Santana | 6                           |                | X             |
| 05 | Maria da Conceição Ouro Reis  | 6                           |                | X             |
| 06 | Núbia Marques do Nascimento   | 2                           | X              |               |
| 07 | Carmelita Pinto Fontes        | 1                           | X              |               |

Fonte: Jornal *Letras Sergipanas* (1984 – 1989).

Os dados apresentados no Quadro 3 evidenciam, entre as mulheres escritoras, o destaque de três professoras escritoras. Duas delas imortais da Academia Sergipana de Letras, ou seja, Ofenísia Freire, com 18 publicações; e, na sequência, Thétis Nunes, com 11 publicações. E, na terceira colocação em número de publicações, figura a professora Lígia Pina, participante do Movimento de Apoio à Academia Sergipana de Letras (MAC) e que no ano de 1998 foi eleita como imortal da ASL (MARTIRES, 2016).

Alguns fatores contribuíram para a dianteira na quantidade de publicações por parte da professora Ofenísia Freire, podendo ser citada, sua condição de redatora do jornal; ter participado da diretoria do sodalício e por ser titular de uma coluna no periódico. A professora Ofenísia assinava a coluna intitulada A terra e a gente na literatura sergipana, espaço em que analisava textos da literatura sergipana, comparando com características das escolas literárias brasileiras.



Outro destaque dos dados apresentados no Quadro 3 refere-se os quantitativos de publicações de autoria de professoras que participavam do Movimento de Apoio à Academia Sergipana de Letras (MAC). Como informado anteriormente, esse movimento foi criado em 1984 com o escopo de auxiliar nas atividades da Academia. Professoras integrantes desse movimento começaram a se destacar com publicações no *Letras Sergipanas*, podendo ser citadas as professoras Lígia Pina, Cléa Brandão e Conceição Ouro. Contudo, destas apenas Lígia Pina conseguiu adentrar na ASL. De certo, suas publicações no *Letras Sergipanas* ajudaram neste processo de ampliação do capital cultural e credenciamento para o ingresso na agremiação. O quadro em seguida destaca as temáticas em que podem ser classificados os escritos de autoria feminina.

**Quadro 4** – Quantitativo de publicações por temáticas.

| Nº | Temas                          | Quantitativo |
|----|--------------------------------|--------------|
| 01 | Literatura sergipana           | 20           |
| 02 | Biografia                      | 11           |
| 03 | Poesias                        | 8            |
| 04 | Relatos de viagens             | 3            |
| 04 | Resenha                        | 2            |
| 05 | Corrida espacial no séc. XX    | 1            |
| 06 | Cultura popular                | 1            |
| 07 | Discurso                       | 1            |
| 08 | Educação feminina              | 1            |
| 09 | Gramática da língua portuguesa | 1            |
| 10 | Literatura argentina           | 1            |
| 11 | Texto religioso                | 1            |

Fonte: Jornal *Letras Sergipanas* (1984 – 1989).

Como evidenciado no quadro anterior, as temáticas que concentram as produções das mulheres apresentam, como destaque, escritos relacionados com a literatura sergipana resultantes, principalmente, da produção literária da professora Ofenísia Freire. Em um desses escritos, a professora Ofenísia destaca a preferência pela temática: “A presença da terra e do homem na produção literária em Sergipe foi o tema que discorreremos aqui, nesta coluna” (FREIRE, 1984, p. 1). Os textos da coluna de Ofenísia discutem aspectos da produção literária de escritores sergipanos e suas relações com a terra natal. Entre os escritores mencionados na coluna, destacam-se os sergipanos Pedro Calazans, Alberto Carvalho, Hunald Alencar, Gilvan Rocha, Luis Rabelo Leite, Hermes Fontes, Brício Cardoso, Oliveira Teles, Gilberto Amado. Os textos de Ofenísia nessa coluna apresentam a marca do didatismo da prestigiada professora de literatura (SOUZA, 2017b) e o interesse em exaltar e rememorar vultos da cultura literária sergipana.



A segunda temática mais explorada pela escrita feminina no *Letras Sergipanas* trata-se dos escritos biográficos, resultando em 11 publicações de perfis e trajetórias biográficas, relacionadas a personalidades sergipanas, a saber: Florentino Menezes (duas publicações), Hermes Fontes, Zaqueu Brandão, Manoel Bomfim, Rosalvo Queiroz, José Calasans, Augusto Luz, Antônio Garcia Filho, Tobias Barreto e Leonor Telles de Meneses. Nota-se que apenas uma mulher foi retratada no período por meio da escrita de um perfil biográfico, assim predominaram os escritos que discorrem a respeito de intelectuais sergipanos do sexo masculino.

O estilo literário da poesia ocupou a terceira posição no quantitativo de publicações. São textos que expressam os sentimentos, as alegrias e angústias dessas escritoras. Dentre elas Conceição Ouro, membro do MAC, se destacou com a escrita de cinco poesias nas edições pesquisadas.

#### **Fiat Lux**

Maria da Conceição Ouro Reis (MAC/ASL)

Fiat Lux – o cérebro luziu!!!  
Erram os sábios, reis, o potentado  
Não existe o troglodita que previu  
Nem homens do futuro hão notado.

Talvez a sementinha, ela sentiu  
Que germinar é dom santificado.  
É o milagre da rosa que se abriu,  
Superior ao pétalo fanado.

O lábio é róseo. Sim, o olhar brilhante  
Jamais em tempo se conta esse instante  
No qual o pensamento encontra a meta

Da chama inextinguível, a centelha  
Surgindo pura, ao eterno se assemelha  
Somente Ele a tem, Ele o POETA.

(JORNAL LETRAS SERGIPANAS, 1986, p. 02).

Temas sobre a mulher e educação não despertaram interesse específico, como também a pena feminina pouco destacou o protagonismo de suas antecessoras no campo literário sergipano. No tocante aos estudos sobre mulheres, os artigos são de autoria das professoras Maria Thétis Nunes e Lígia Pina. Entretanto, no estudo sobre a trajetória intelectual de Florentino Menezes, Thétis Nunes (1984, p. 2) ressalta: “A SOCIEDADE E A MULHER constitui um dos mais interessantes



capítulos desse livro, sendo um grito de revolta contra as injustiças vem sendo vítima na sociedade através dos tempos”. Nas suas análises, Thétis Nunes ratificou as ideias de Florentino Menezes no sentido que a exploração feminina é decorrente das relações de dominação masculina. Em outro artigo, a autora, discorrendo sobre a proposta de Tobias Barreto, na Assembleia Provincial de Pernambuco, em 1870, a respeito da educação feminina, ressalta:

Se hoje a mulher brasileira se projeta em todos os campos das atividades, que até pouco tempo eram privativas do homem, essa situação não foi uma dádiva, mas uma conquista. Entre os que batalharam para essa realidade que vivemos, Tobias Barreto está incluído. Há mais de um século ele acreditava na capacidade da mulher, e da necessidade de libertá-la das peias da tradição e do obscurantismo, defendendo suas ideias com o denodo e o entusiasmo que o marcaram (NUNES, 1989, p. 3).

No texto acima, Thétis Nunes reforça a luta pela emancipação feminina, destacando a atuação do deputado e filósofo Tobias Barreto, na segunda metade do século XIX. A outra escritora que publicou sobre mulheres foi Lígia Pina num artigo em que destacou a amizade e a competência da professora da Escola Normal, Leonor Telles de Menezes.

As questões educacionais despertaram pouco interesse nas escritas femininas no periódico em estudo, apesar das escritoras serem professoras. Em alguns artigos encontram-se menções e/ou situações sobre os aspectos educacionais, no entanto não se configura como uma temática de interesse específico. Na publicação da professora Thétis Nunes sobre Manoel Bomfim, ela cita que o intelectual foi professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e Diretor Geral da Instrução Pública. Destacou também a sua atuação no *Pedagogium*, por meio da criação do primeiro laboratório de psicologia experimental do país. Outro aspecto salientado foi a criação de livros didáticos adotados em vários estabelecimentos de ensino no Brasil. A segunda publicação em que aspectos educacionais são citados, embora de forma difusa, é no texto da professora Lígia Pina sobre a professora Leonor Telles de Menezes, catedrática de Língua Portuguesa na Escola Normal Rui Barbosa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal *Letras Sergipanas*, criado pelo presidente da ASL, Antônio Garcia Filho, em 1984, teve a finalidade de ser um elo de comunicação mais rápido entre a ASL e a sociedade sergipana, bem como um veículo de divulgação das produções dos(as) confrades e participantes do MAC.



O estudo desses exemplares do jornal *Letras Sergipanas* evidenciou um espaço importante utilizado por mulheres para a divulgação de seus escritos literários e como forma de alcançar visibilidade entre seus pares. Outrossim, o espaço de publicação contribuiu para a ampliação do capital cultural delas, o que resultou, para algumas, no credenciamento para o ingresso como imortal do sodalício sergipano.

No tocante à escrita de acadêmicas da ASL e de mulheres que pertenciam ao MAC, foram localizados 53 trabalhos, num universo de 265 publicações de diferentes temas e estilos literários, sendo as mais recorrentes: literatura sergipana, escritos biográficos e poesias. A professora Ofenísia Freire figura como a maior escritora do jornal, tendo publicado 20 artigos nas páginas do *Letras Sergipanas*, em sua coluna A terra e a gente na literatura sergipana.

Constatou-se o protagonismo de mulheres escritoras no periódico. Contudo, essa escrita feminina acabou por evidenciar, de forma hegemônica, o protagonismo de homens nas letras sergipanas. Situação que, em parte, pode levar a uma compreensão enganosa de naturalização de superioridade masculina no campo literário em terras sergipanas. Assim, se por um lado essas mulheres escritoras se esforçaram para romper a dominação masculina, de outro modo acabaram por legitimar, ainda que de forma inconsciente, uma dita superioridade ou hegemonia intelectual masculina.

Por fim, outro aspecto deve ser destacado, as professoras escritoras não se interessaram em discutir, em seus escritos no periódico, questões diretamente relacionadas com o campo educacional sergipano. Neste caso, provavelmente estivessem mais interessadas na aderência de seus escritos ao escopo principal do jornal, ou seja, a produção literária sergipana e o destaque de seus vultos históricos, tudo isso para em prol de destaque no sodalício.

### Referências e fontes

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *In*: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.



CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

FREIRE, Ofenísia Soares. A terra e a gente na Literatura Sergipana. *In*: **Jornal Letras Sergipanas**. Aracaju. ASL, nº 03. set./out. 1984, p. 01.

FIGUEIRÔA, Meirevandra Soares. “**Matéria livre... Espírito livre para pensar**”: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884). 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão, 2007.

JORNAL LETRAS SERGIPANAS. Aracaju. ASL, 1984-1989.

JORNAL LETRAS SERGIPANAS. Aracaju. ASL, ano I, nº 01, jun. 1984, p. 01.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. *In*: FORACCHI, Marialice M. (Org.). **Mannheim**. Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25, São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MARTIRES, José Genivaldo. “**Flagrando a Vida**”: trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014). 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MARTIRES, José Genivaldo; LOPES, Marluce. Souza. A escrita feminina na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. *In*: X CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2019, Belém. **Anais eletrônicos do X CBHE**. Belém: UFPA, 2019. v. 1. p. 1254-1266. Disponível em: [www.xcbhe.com.br](http://www.xcbhe.com.br). Acesso em: 03 dez. 2019.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetoária de Núbia Marques**: contribuições para a educação em Sergipe. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGED/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis Acadêmicos**. Aracaju, Edise, 2017.

NUNES, Maria Thétis. Florentino Teles de Menezes, o sociólogo esquecido. *In*: **Jornal Letras Sergipanas**. Aracaju. ASL, nº 03, set./out. 1984, p. 02.

NUNES, Maria Thétis. Tobias Barreto, pioneiro na emancipação feminina. *In*: **Jornal Letras Sergipanas**. Aracaju. ASL, nº 31, maio/jun. 1989, p. 02.

PINA, Maria. Lígia. Madureira. **A mulher na história**. Aracaju: Fundese, 1994.

REIS, Maria da Conceição Ouro, Fiat Lux. *In*: **Jornal Letras Sergipanas**. Aracaju. ASL, ano III, nº 16, nov./dez. 1986, p. 02.



RIBEIRO, Marcelo. Discurso do Acadêmico Marcelo Ribeiro, em agradecimento à aposição de fotografia do Cel. José da Silva Ribeiro. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 35. 2005, p. 249-254.

SILVA, Patricia de Souza Nunes. **Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. 2012.165f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPEd/Universidade Tiradentes, Aracaju, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 231-269.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **“Mestra na essência da palavra”**: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941 - 1966). 2017. 129 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2017a.

SOUZA, Renilfran Cardoso de; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Ofenísia Soares Freire: o exercício do magistério no Atheneu Sergipense. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 10, n. 23, p. 187-198, set./dez. 2017b.

DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.6693> Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6693/pdf> . Acesso em: 15 de ago. de 2019.

#### SOBRE OS AUTORES

##### **José Genivaldo Martires**

Doutorando em Educação; Universidade Federal de Sergipe (UFS); Professor da Universidade Federal de Sergipe - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação; Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (Gephed/Cnpq/UFS).

E-mail: [jmartires@globocom](mailto:jmartires@globocom)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7981-778X>

##### **Joaquim Tavares da Conceição**

Doutor em História; Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor da Universidade Federal de Sergipe - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação; Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (Gephed/Cnpq/UFS).

E-mail: [joaquimcodapufs@gmail.com](mailto:joaquimcodapufs@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8826-8137>

Recebido em: 15/02/2020

Aprovado em: 24/04/2020

Publicado em: 01/05/2020

